

**DE 2003 A 2006: DA POSIÇÃO-SUJEITO HERÓI  
À POSIÇÃO-SUJEITO VILÃO**

*Quelle Taísa da Chaga Oliveira* (UESB)<sup>192</sup>

[oliveira.quelle10@gmail.com](mailto:oliveira.quelle10@gmail.com)

*Maria da Conceição Fonseca-Silva* (UESB)

[con.fonseca@gmail.com](mailto:con.fonseca@gmail.com)

*Joseane Silva Bittencourt* (UESB)

[ane.bittencourt@hotmail.com](mailto:ane.bittencourt@hotmail.com)

**RESUMO**

Neste trabalho, tratamos de como o Partido dos Trabalhadores foi discursivizado no semanário *Veja* no período de 2003 a 2006. Tivemos por objetivo identificar e analisar as posições-sujeito as quais o Partido dos Trabalhadores foi convocado a ocupar pelo semanário nesse período. O *corpus* foi constituído de seqüências discursivas extraídas de capas de edições de *Veja* que tratam do Partido dos Trabalhadores e que circularam entre os anos de 2003 e 2006. Nas análises, mobilizamos princípios e procedimentos da Análise de Discurso. Os resultados apontam que, na discursivização da revista, em um primeiro momento, o PT foi convocado a ocupar a posição-sujeito herói constituída pelos efeitos-sentido de vitória, aclamação popular, competência, aptidão para lidar com a economia do país e adequação ao cargo da presidência. Em um segundo momento, no entanto, o partido foi convocado por *Veja* a ocupar a posição-sujeito vilão, constituída pelos efeitos-sentido de incapacidade de separar interesses políticos/pessoais do interesse público, inaptidão para gerir a coisa pública, inadequação ao cargo da presidência, desrespeito às leis, farsa e corrupção.

**Palavras-chave:**

**Revista *Veja*. Análise de Discurso. Partido dos Trabalhadores.**

**ABSTRACT**

In this paper, we deal with how the Workers' Party was discursivized in the weekly news magazine *Veja* in the period from 2003 to 2006. We aimed to identify and analyze the subject positions that the Workers' Party was summoned to occupy by the magazine in that period. The corpus consisted of discursive sequences extracted from the covers of *Veja* editions addressing the Workers' Party and that circulated between 2003 and 2006. In the analyzes, we mobilized Discourse Analysis principles and procedures. The results show that, in the magazine's discursivization, at first, the PT was called upon to occupy the hero subject position constituted by the effects of meaning of victory, popular acclaim, competence, aptitude to handle the country's economy and suitability to the presidency. In a second moment, however, the party was sum-

---

<sup>192</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).

moned by Veja to occupy the villainous subject position, constituted by the effects of meaning of inability to separate political / personal interests from the public interest, inability to manage public affairs, inadequacy to the position of presidency, farce, corruption and disrespect for law.

**Keywords:**

**Discourse Analysis. Workers' Party. Veja Magazine.**

## **1. Introdução**

Neste trabalho, desenvolvido no âmbito do Grupo de Pesquisa em Análise de Discurso (GPADis) e vinculado ao Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, tratamos de como o Partido dos Trabalhadores foi discursivizado no semanário *Veja* no período de 2003 a 2006.

Buscamos responder a seguinte questão: Quais posições-sujeito o Partido dos Trabalhadores foi convocado a ocupar em edições de *Veja* que circularam entre os anos de 2003 e 2006?. Levantamos a hipótese de que o Partido dos Trabalhadores foi convocado a ocupar, em edições de *Veja* que circularam entre os anos de 2003 e 2006, as posições-sujeito herói e vilão. Tivemos por objetivo identificar e analisar as posições-sujeito as quais o Partido dos Trabalhadores foi convocado a ocupar pelo semanário no período. Para tanto, foram analisadas 9 sequências discursivas extraídas de 5 capas de edições de *Veja*, publicadas nos anos mencionado que tematizam sobre o Partido dos Trabalhadores ou sujeitos políticos relacionados ao partido.

## **2. Considerações sobre o percurso teórico-metodológico**

No que se refere à abordagem, a pesquisa que originou este trabalho é qualitativa; aos objetivos, descritiva/interpretativa; aos procedimentos, análise discursiva de caso.

Os critérios que estabelecemos para seleção da revista foram: (i) disponibilidade de acervo digital completo para acesso e (ii) o fato de *Veja* estar dentre as maiores revistas de informação do país com grande alcance no que se refere ao número de assinaturas, exemplares vendidos e circulação. Vale destacar ainda que, conforme pontua Fonseca-Silva (2009), *Veja* “como prática discursiva institucional, funciona como *locus* de realização política e do fazer práticas sociais e discursivas do cotidiano do século XX e início do século XXI” (FONSECA-SILVA, 2009, p.

2). Além disso, consideramos que o semanário, enquanto recurso midiático, funciona como lugar de memória discursiva e lugar de materialização dos discursos que circulam na sociedade (FONSECA-SILVA, 2007a).

Para construir o arquivo analítico: (i) acessamos o acervo digital da revista *Veja*; (ii) selecionamos as capas dedicadas à política que circularam de janeiro de 2003 a dezembro de 2006 e criamos uma pasta para essas capas, denominada pasta 1; (iii) identificamos, separamos e organizamos em outra pasta, denominada pasta 2, as capas dedicadas ao Partido dos Trabalhadores.

Selecionamos para este trabalho 5 capas que representam os funcionamentos discursivos identificados e extraímos delas 9 sequências discursivas para análise. Tais sequências discursivas constituem o *corpus* do trabalho. As edições analisadas foram: a nº 1784, de 08 de janeiro de 2003; a nº 1815, de 13 de agosto de 2003; a nº 1819, de 10 de setembro de 2003; a nº 1914, de 20 de julho de 2005 e a nº 1923, de 21 de setembro de 2005.

Na análise das sequências discursivas, mobilizamos princípios e procedimentos do quadro epistemológico da Análise de Discurso que se constitui na articulação do materialismo histórico, da linguística e da teoria do discurso, “atravessadas por uma teoria da subjetividade (de natureza psicanalítica)” (PÊCHEUX, FUCHS, 1975, p. 164).

Desses conceitos teóricos, alguns foram fundamentais para a construção do trabalho. São eles: discurso, posição-sujeito, efeito-sentido e memória discursiva. Por esse motivo, faz-se necessário tratar, mesmo que de maneira breve, de tais conceitos.

O discurso é definido por Pêcheux (1969) como efeitos de sentido entre interlocutores, entendidos não como indivíduos, mas como lugares na estrutura social. A partir dessa perspectiva, sujeito e sentido são efeitos de uma posição na estrutura social à qual os indivíduos podem se identificar ou se contra identificar. Grigoletto (2005), ao tratar de posição-sujeito, pontua que se denomina de posição-sujeito a relação de identificação entre o sujeito enunciativo e o sujeito do saber (forma-sujeito).

Os sentidos, conforme Pêcheux (1983), não estão estabilizados, não estão presos à palavra e, por isso mesmo, estão suscetíveis a tornar-se outro. Ainda nessa direção, Fonseca-Silva (2012), a partir da leitura de Pêcheux (1969), pontua que as palavras, expressões, etc., não significam

por si só e que não há sentido sem metáfora “pois o sentido se delinea sempre na relação que uma palavra ou expressão tem com outra palavra ou expressão” (FONSECA-SILVA, 2012, p. 194). A autora aponta ainda que, segundo Pêcheux (1969), o efeito metafórico “assenta-se na tensão entre processos parafrásticos (o mesmo) e polissêmicos (o diferente)” (FONSECA-SILVA, 2012, p. 194).

A memória discursiva, segundo Courtine (1981), refere-se à “existência histórica de um enunciado no seio de práticas discursivas reguladas por aparelhos ideológicos” (COURTINE, 1981, p. 105-106). A esse respeito, Pêcheux (1983) postula que a memória da qual se trata não deve ser entendida “no sentido diretamente psicológico da ‘memória individual’, mas nos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas e da memória construída do historiador” (PÊCHEUX, [1983] 2008, p. 50). Segundo o autor,

[...] a memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os ‘implícitos’ (quer dizer, mas tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível. (PÊCHEUX, [1983] 2008, p. 52)

Nesse sentido, a memória funciona de modo a restabelecer os implícitos necessários à leitura e indispensáveis para o processo de significação das materialidades simbólicas. Uma vez apresentado o percurso teórico-metodológico do trabalho, faz-se necessário também tratar do contexto em que os discursos analisados circularam, o que será feito a seguir.

### **3. *O Partido dos Trabalhadores da posição-sujeito herói à posição-sujeito vilão***

O recorte temporal proposto neste trabalho diz respeito ao primeiro mandato presidencial de Luiz Inácio Lula da Silva do Partido dos Trabalhadores (2003-2006), mas a trajetória do partido já havia iniciado há mais de duas décadas. Fundado oficialmente em 1980, o PT lançou candidato ao cargo da Presidência da República por três eleições consecutivas, nos anos de 1989, 1994 e 1998, mas não obteve sucesso, a vitória só foi alcançada no pleito seguinte, em 2002. Em todos os anos mencionados, o PT teve Lula como candidato, um dos fundadores e um dos principais líderes do partido.

O primeiro presidente pelo Partido dos Trabalhadores assumiu o cargo de Presidente da República em 1 de janeiro de 2003 e é sobre a sua posse que a capa da edição nº 1784 de *Veja* tematiza. Publicada em 08 de janeiro de 2003, nela aparecem Lula e a então primeira-dama Marisa Letícia Lula da Silva em um automóvel na cerimônia de posse, ambos sorridentes e Lula acena para os presentes. O carro presidencial aparece cercado de pessoas e, ao fundo, entre a multidão, alguém segura uma bandeira do Partido dos Trabalhadores. Em toda a página pode ser observado vários papéis picados em verde e amarelo, cores da bandeira do Brasil. A capa da revista apresenta um ambiente de festa e comemoração. Dela, extraímos a sequência discursiva, que aparece a seguir:

(01) LULA-DE-MEL – A partir de agora, começa a cobrança.

Na formulação “LULA-DE-MEL” temos um jogo linguístico com os termos Lua e Lula, a construção faz referência a expressão “Lua-de-mel”, que diz respeito ao período de celebração privada que sucede ao casamento, em que o casal comemora a recém-união, sem a companhia de terceiros, uma celebração da união que antecede a rotina da vida “real” de casados. Tal expressão remete ao casamento, tanto no que se refere à celebração, quanto à união. Nesse sentido, *Veja* trabalha a posse do então presidente nos dois aspectos: o primeiro, de comemoração/festa, tendo em vista a própria natureza da posse presidencial, cerimônia na qual o presidente eleito é empossado oficialmente no cargo; e o segundo, de compromisso, firmado entre Lula e o povo/o governo e seus governados.

A ideia de compromisso é reforçada pela construção “A partir de agora, começa a cobrança”, ou seja, passadas as comemorações do casamento e, posteriormente, a lua de mel, iniciam as obrigações que se seguem à união. A partir desse momento, começam “as cobranças”. Assim, a discursivização de *Veja* mostra que é importante comemorar a vitória, mas sem se esquecer de que virão, depois, “as obrigações”. O vocábulo “agora”, advérbio que indica tempo, nessa construção lembra que a lua-de-mel precisa acabar para que a rotina das obrigações governamentais possa começar, com todos os problemas que lhe são inerentes, assim como acontece no casamento. Essa ideia é reforçada pela forma verbal “começar”, que marca uma temporalidade, isto é, trata-se do tempo de pensar nas “obrigações”, que não é depois, não está distante, mas começa naquele momento, com a posse.

A formulação linguística “LULA-DE-MEL”, os papéis picados nas cores verde e amarelo, os sorrisos e os acenos que aparecem na capa

da edição produz um efeito-sentido de popularidade em relação ao então presidente, entretanto a cobrança em assumir de imediato as responsabilidades da gestão do país ameaça acabar com o momento de celebração. Nesse contexto e tendo em vista que a construção do sentido está pautada na relação de uma palavra/expressão com outra palavra/expressão, é possível dizer que “Lula-de-mel” posta em relação com “Lua-de-mel” produz o efeito-sentido e vincula uma memória de amor do povo demonstrado ao seu governante na ocasião da posse presidencial. Nessa materialidade o Partido dos Trabalhadores é convocado por Veja a ocupar a posição-sujeito herói e os efeitos-sentido produzidos em relação ao partido são de vitória e aclamação popular.

A edição nº 1815, de 13 de agosto de 2003, por sua vez, traz um panorama dos primeiros meses de governo de Lula. A capa da edição destaca a reforma da Previdência aprovada naquele ano, bem como enfatiza a situação econômica e social do país à época, que, segundo a discursivização da revista, é marcada, no geral, pela mobilidade social ascendente. Dela, foram retiradas três sequências discursivas para análise, listadas logo abaixo:

(02) A GRANDE VITÓRIA DE LULA – A aprovação da reforma da Previdência recoloca o Brasil nos trilhos.

(03) RETRATOS DO BRASIL QUE DÁ CERTO: Mailson da Nóbrega - De contínuo a guru econômico; Lírio Parisotto – Da enxada ao bilhão de reais; Marina Silva – De empregada doméstica a ministra; Alberto Saraiva – Da padaria a concorrente do McDonald’s; Manoel Horácio – De vendedor de flores a banqueiro.

(04) Apesar das crises, de cada seis pessoas que se movem na pirâmide social, cinco melhoram de vida / O Brasil é o país de maior mobilidade social no mundo / Oito de cada dez integrantes da elite são recém-chegados

A formulação linguística “A GRANDE VITÓRIA DE LULA”, presente na sequência discursiva 2, faz referência a aprovação da reforma da Previdência que ocorreu em 2003, fato considerada por Veja como a primeira grande vitória do governo Luiz Inácio Lula da Silva no Congresso Nacional. A construção produz efeito-sentido positivo em relação à aprovação dessa reforma e atribui essa “vitória” a Lula. O adjetivo “grande” reforça essa ideia, uma vez que, na discursivização da revista, aprovar a reforma não se trata de qualquer vitória, mas de uma vitória significativa e que “recoloca o Brasil nos trilhos”.

Em “A aprovação da reforma da Previdência recoloca o Brasil nos trilhos” o efeito-sentido que se produz é de que o país não estava “nos trilhos”, ou seja, de que o Brasil não estava funcionando de maneira adequada, mas a reforma da Previdência o faria voltar ao caminho do progresso. A forma verbal “recolocar”, por sua vez, produz o efeito-sentido de que o país já esteve “nos trilhos”, mas perdeu a direção rumo ao desenvolvimento e a reforma da previdência o conduziria de volta ao estado de bom funcionamento.

A sequência discursiva 2 pode ser parafraseada por “A aprovação da reforma da Previdência é uma grande vitória que recoloca o Brasil nos trilhos” ou “A aprovação da reforma da Previdência é uma grande vitória do Lula que recoloca o Brasil nos trilhos”. Nesse sentido, o termo “vitória” pode produzir o efeito-sentido de que a reforma da Previdência foi uma vitória para o país, para Lula ou para ambos. Assim, nesse contexto, tanto a reforma da Previdência quanto Lula poderia assumir o papel de responsável por colocar o Brasil “nos trilhos”.

Ainda sobre as formulações linguísticas apresentadas, “reforma da Previdência” significa, na discursividade de Veja, modernização, crescimento econômico e ascensão social, quando colocada em relação parafrástica com o grupo de enunciados que constituem as sequências discursivas 3 e 4, que são analisadas a seguir.

Na capa dessa edição, abaixo da formulação linguística “RETRATOS DO BRASIL QUE DÁ CERTO”, aparecem fotos emolduradas do economista Mailson da Nóbrega, do empresário Lírio Parisotto, da política Marina Silva, do empresário Alberto Saraiva e do banqueiro Manoel Horácio. As fotografias são seguidas por descrições dessas figuras: “De contínuo a guru econômico”; “Da enxada ao bilhão de reais”; “De empregada doméstica a ministra”; “Da padaria a concorrente do McDonald’s”; e “De vendedor de flores a banqueiro”, respectivamente.

Tal disposição funciona de modo a ilustrar o cenário de mobilidade social apresentado pela revista, todas as personalidades em destaque iniciaram suas carreiras profissionais em trabalhos comuns dentre os indivíduos oriundos das camadas sociais mais populares, mas conseguiram, posteriormente, alcançar o sucesso profissional e se destacar nas funções que passaram a desempenhar. Essa narrativa construída por Veja produz efeitos-sentido de prosperidade e crescimento. Nesse sentido, a formulação linguística “RETRATOS DO BRASIL QUE DÁ CERTO” produz o efeito-sentido de que o Brasil que funciona bem é um país que

se desenvolve economicamente, possibilita crescimento profissional e permite ascensão social.

As formulações “Apesar das crises, de cada seis pessoas que se movem na pirâmide social, cinco melhoram de vida”; “O Brasil é o país de maior mobilidade social no mundo”; e “Oito de cada dez integrantes da elite são recém-chegados”; ratificam esse efeito-sentido de que dar certo é sinônimo de controle e crescimento econômico. No discurso de Veja a economia é apresentada como um aspecto importante, principalmente no que se refere às questões de cunho político, nesse sentido, a adequação e bom desempenho de um presidente depende de como este lida com a economia do país.

Na discursivização da revista, conseguir lidar com o sistema econômico capitalista e adotar uma postura mais liberal em relação a certos aspectos da economia aproxima Lula do modelo de presidente adequado e o afasta de uma memória que o relaciona com as origens do Partido dos Trabalhadores, que se constituiu de grupos heterogêneos, formados por membros do novo sindicalismo, da igreja progressista e de remanescentes de grupos da luta armada, com influência da chamada esquerda revolucionária, do socialismo e do trotskismo.

A esse respeito, Barbosa (2014) mostra um jogo de proximidade e afastamento entre Dilma, Lula e os denominados “radicais” do PT na discursivização de Veja, ao tratar das relações discursivas entre o sujeito político Dilma Rousseff e o sujeito político Lula, e entre Dilma Rousseff e o Partido dos Trabalhadores, a partir de temas relacionados aos chamados “radicais” do PT e corrupção ligada ao governo PT. A nomenclatura “radicais do PT” faz referência a grupos mais radicais dentro do partido, que, como mencionado, formou-se de grupos heterogêneos. Nesse sentido, as análises de Barbosa (2014) apontam que em Veja essa ala do partido aparece atrelada a uma memória relacionada ao radicalismo.

As análises das sequências discursivas dessa edição mostram que, nesse período, o Partido dos Trabalhadores foi convocado por Veja a ocupar a posição-sujeito herói e os efeitos-sentidos produzidos em relação ao partido foram de sucesso econômico, competência, aptidão para gerir o país e adequação ao cargo da presidência.

As materialidades analisadas das duas primeiras edições mostram que, nos primeiros meses de gestão, o Partido dos Trabalhadores foi convocado a ocupar a posição-sujeito herói. Nas sequências discursivas extraídas das capas, em linhas gerais, o partido foi discursivizado como



um vencedor, aclamado pelo povo, cujo líder era um presidente competente, que conseguia lidar com a economia, apto para gerir o país e promover reformas, portanto, adequado ao cargo da presidência segundo a revista.

Na capa da edição nº 1819 de *Veja* é possível identificar uma mudança na discursivização da revista em relação à primeira gestão presidencial de Lula. A publicação datada de 10 de setembro de 2003, mês seguinte à edição anteriormente analisada, estampa, sobre um plano de fundo que representa as nuvens do céu, um bloco triangular de terra e raízes que sustenta Brasília em sua base. A capital federal é representada por obras projetadas por Oscar Niemeyer e a bandeira do Brasil. Das formulações linguísticas presentes nessa capa e que funcionam como materialidades significantes, extraímos as seguintes sequências discursivas:

(05) BRASILHA DA FANTASIA.

(06) O PT infiltra a máquina administrativa do Estado com seus militantes e cai na velha ilusão de que, ao perseguir seus objetivos partidários, está servindo o país.

Na formulação linguística “BRASILHA DA FANTASIA”, o nome “BRASILHA” é uma referência à cidade de Brasília, formada por “BRAS”, de Brasil, e “ILHA”, definida como qualquer pedaço de terra subcontinental cercado por água. Em “ILHA DA FANTASIA” o sentido de ilha é deslocado: não se trata de um pedaço de terra subcontinental cercada por água, mas de uma ilha da fantasia, uma metáfora para Brasília.

A construção “ILHA DA FANTASIA” remete ainda a um seriado de televisão de origem estadunidense, que conta a história de uma ilha, um lugar paradisíaco, onde todos os desejos podem ser realizados, cujo anfitrião é o senhor Roarke que conta com o auxílio do ajudante Tattoo. Há, portanto, uma aproximação entre o “enredo” da série e o “enredo” apresentado na capa de *Veja*, o que produz um efeito-sentido de aproximação entre as ações praticadas pelo PT em Brasília e as ações realizadas na ilha. Nesse sentido, na discursivização do semanário, Brasília se tornou a “Ilha da Fantasia” do PT, ou seja, existe por parte do partido a “ilusão” de que em Brasília, assim como na “ilha da fantasia”, todos os desejos de seus membros podem ser atendidos, em detrimento das necessidades do país.

Em “O PT infiltra a máquina administrativa do Estado com seus militantes e cai na velha ilusão de que, ao perseguir seus objetivos partidários, está servindo o país”, o adjetivo “velha”, que caracteriza o substantivo “ilusão”, produz um efeito de recorrência e de contestação de um discurso de que o PT seria diferente dos demais partidos. O adjetivo aponta para a ideia de que a prática exercida pelo PT de achar que “ao perseguir seus objetivos partidários, está servindo o país”, já é antiga, não se trata de algo novo. Na construção “O PT infiltra a máquina administrativa do Estado com seus militantes”, a forma verbal “infiltra” produz efeitos-sentido de intrusão e ilegitimidade, ou seja, de que “os militantes” se apoderaram, ou foram introduzidos, de maneira clandestina, em algo que não lhes pertence por direito.

A formulação produz ainda um efeito-sentido de afastamento entre o PT e as funções atribuídas ao governo, ao ato de bem governar e de “servir ao país”. Sugere também uma incapacidade, por parte do partido, que chegou ao governo, de separar “objetivos partidários” de “serviço público”, produzindo efeitos-sentido de inadequação e incompetência para governar o país. Assim, as construções “infiltrar militantes na máquina administrativa do Estado” e “perseguir seus objetivos partidários” funcionam em uma relação parafrástica e marcam uma posição-sujeito, a do partido, que se opõe à posição-sujeito de servidor público e de bom governante.

Segundo a discursivização de Veja, o PT vive na “ILHA DA FANTASIA” ao conservar a “velha ilusão de que, ao perseguir seus objetivos partidários, está servindo o país” e achar que pode “infiltrar a máquina administrativa do Estado com seus militantes”. Nesse sentido, “ILHA DA FANTASIA”, Brasília e governo do PT encontram-se em relação parafrástica.

Em 2005, o Partido dos Trabalhadores foi atingido pelo primeiro grande escândalo de corrupção, conhecido como Mensalão. Em entrevista ao Jornal Folha de São Paulo, o então deputado Roberto Jefferson (PTB-RJ) denunciou um complexo esquema de corrupção, que se dava “mediante pagamento de uma mesada a partidos e líderes da base aliada do governo de Lula, para captação de apoio nas votações de projetos legislativos de interesse do governo” (MACHADO, 2013, p.14). Segundo Machado (2013):

Com a instauração da Ação Penal n.º 470/2007 pelo STF, em 12/11/2007, foram, ao final, denunciadas 38 pessoas, dentre parlamentares, dirigentes partidários e seus assessores e terceiros envolvidos no esquema. Entre

02/08 e 17/12/2012, o STF condenou 25 dos 38 indiciados pelo cometimento de diversos crimes conexos, por concurso material, tais como formação de quadrilha, corrupção ativa e passiva, lavagem de dinheiro, peculato, gestão fraudulenta de instituição financeira e evasão de divisas, dentre os quais os principais dirigentes nacionais do PT na época da sua denúncia, como José Dirceu (ex-Ministro Chefe da Casa Civil da Presidência da República), José Genoíno (ex-presidente do PT) e Delúbio Soares (ex-tesoureiro do PT) (MACHADO, 2013, p.14).

A capa da edição nº 1914 de *Veja*, datada de 20 de julho de 2005, foi dedicada ao Mensalão. Nela, aparece a silhueta de Lula, como uma sombra, em que é possível reconhecê-lo pelos traços visíveis no contorno. Foram retiradas da capa mencionada duas sequências discursivas para análise, são elas:

(07) O MESADÃO DO PT: Valério ganhava contratos do governo e retribua com depósitos para os petistas

(08) MENSALÃO - Quando e como Lula foi alertado

Ao fazer uso da formulação linguística “QUANDO E COMO LULA FOI ALERTADO”, presente na sequência discursiva 7, *Veja* não deixa dúvida de que o então presidente estava ciente do esquema de corrupção que ficou conhecido como Mensalão. Os advérbios “QUANDO”, que indica temporalidade, e “COMO”, que indica circunstância, indicam o tempo em que Lula “foi alertado” e as circunstâncias em que isso se deu, respectivamente. A locução verbal “FOI ALERTADO” e o caráter afirmativo da formulação linguística produzem um efeito-sentido de certeza e verdade em relação ao fato de que Lula foi informado do esquema de compra de apoio político. Tais formulações, que marcam uma temporalidade, imputam ao então presidente a responsabilidade de não fazer nada para impedir o esquema de corrupção, ainda que ciente de sua existência, ou mesmo sugerem que ele fazia parte dessa rede de compra de votos.

A expressão “MESADÃO”, que aparece em “O MESADÃO DO PT”, faz referência ao pagamento mensal (mesada) a parlamentares da base aliada pelo governo em troca de apoio político e produz efeito-sentido de corrupção, ilicitude e desrespeito às leis em relação ao Partido dos Trabalhadores.

A edição nº 1923, publicada em 21 de setembro de 2005, por sua vez, traz na capa uma estrela feita de vidro, de superfície vermelha e em que se observa a sigla do Partido dos Trabalhadores. A estrela está que-

brada sobre um plano de fundo preto. Abaixo dela, a chamada principal apresenta a seguinte sequência discursiva:

(09)...ERA VIDRO E SE QUEBROU – A história de uma tragédia política.

A formulação linguística “ERA VIDRO E SE QUEBROU” faz referência a uma cantiga de roda que diz: “O anel que tu me destes/Era vidro e se quebrou/O amor que tu me tinhas/Era pouco e se acabou”. Nesse sentido, a discursivização de Veja compara o Partido dos Trabalhadores ao vidro, caracterizado por ser um material fácil de quebrar. Assim como na canção popular em que o anel por ser de vidro se quebrou, o PT se despedaçou, pois não era feito de algo mais resistente e preciso. O mesmo se aplica à imagem do partido, antes identificada pela luta em favor dos pobres e contra os opressores e, agora, nessa discursividade, se mostra frágil, mentirosa e falsa. Ainda sobre essa construção, é como se no discurso de Veja já se soubesse que o partido “era vidro” e o efeito-sentido que se produz é de não surpresa, de algo que já era esperado.

A formulação linguística “A história de uma tragédia política”, por sua vez, produz um efeito-sentido de que o PT foi uma tragédia política, de que o PT foi uma história trágica na trajetória política do país. Nesse contexto, a formulação linguística em destaque pode ser parafraseada por: “O PT é uma tragédia política”, “A história do PT é uma tragédia política” e, ainda, “O PT é uma história trágica na política do país”. Essas formulações, portanto, encontram-se em relação parafrástica.

Nas sequências discursivas analisadas, extraídas das três últimas edições mencionadas, os efeitos-sentido produzidos em relação ao Partido dos Trabalhadores são de incapacidade de separar interesses políticos e pessoais do interesse público, inaptidão para gerir a coisa pública, inadequação ao cargo da Presidência da República, corrupção, desrespeito às leis e farsa. Assim, diferente das publicações vinculadas nos primeiros meses do mandato de Lula, o PT foi convocado pelo semanário a ocupar a posição-sujeito vilão. Os dados apontam, portanto, para uma mudança na discursivização de Veja no que diz respeito ao Partido dos Trabalhadores e para um processo de desconstrução do partido por parte da revista.

#### 4. Considerações finais

A análise das materialidades leva-nos a concluir que, entre os anos de 2003 e 2006, o Partido dos Trabalhadores foi convocado pela Veja a ocupar duas posições-sujeito: herói e vilão. Em um primeiro momento, o partido foi convocado a ocupar a posição-sujeito herói, constituída pelos efeitos-sentido de vitória, aclamação popular, competência, aptidão para lidar com a economia do país e adequação ao cargo da presidência. Em um segundo momento, no entanto, o partido foi convocado a ocupar a posição-sujeito vilão, constituída pelos efeitos-sentido de incapacidade de separar interesses políticos/pessoais do interesse público, inaptidão para gerir a coisa pública, inadequação ao cargo da presidência, desrespeito às leis, farsa e corrupção.

Os dados indicam, portanto, uma mudança na discursivização da revista em relação ao Partido dos Trabalhadores e aponta para o início do que viria a ser um processo de desconstrução do partido no semanário, processo esse de desdobramentos para além do período analisado e que será tema de outros trabalhos.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Leandro Chagas. *Mídia e discursividade*: Dilma, Lula, radicais do PT e corrupção. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, Vitória da Conquista, 2014. 84f. Disponível em: <http://www2.uesb.br/ppg/ppglin/defesas/2014/Dissertacao%20%20Leandro%20Chagas%20Barbosa.pdf>. Acesso em: 19 set. 2018.

FONSECA-SILVA, M. C. Mídia e lugares de memória discursiva. In: FONSECA-SILVA, M.C.; POSSENTI, Sírío (Org.). *Mídia e rede de memória*. 1. ed. Vitória da Conquista: UESB, 2007a.

\_\_\_\_\_. Funcionamento discursivo e cenas validadas de escândalos na esfera do poder político. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, 2009, v. 38, p. 193-203. Disponível em: [http://www.gel.Hospedagemdesites.ws/estudos-linguisticos/volumes/38/EL\\_V38N3\\_15.pdf](http://www.gel.Hospedagemdesites.ws/estudos-linguisticos/volumes/38/EL_V38N3_15.pdf). Acesso em: 10 jul. 2018.

\_\_\_\_\_. Memória, mulher e política: do governo das capitânias à presidência da república, rompendo barreiras. In: TASSO, Ismara; NAVARRO, Pedro. (Org.). *Produção de identidades e processos de subjetivação*

*em práticas discursivas*. 1. ed. Maringá: Eduem, 2012. p. 183-208. Available from SciELO Books <http://books.scielo.org>.

\_\_\_\_\_; PRADO, C. O. Memória, intimidade e vida privada de mulheres que atuam nas esferas do poder político. In: FONSECA-SILVA, M. C.; FARIAS, E. S. (Org.). *Memória, discurso e sociedade*. 1. Ed. São Carlos: Claraluz, 2012. p. 55-84

GRIGOLETTO, Evandra. Do lugar social ao lugar discursivo: o imbricamento de diferentes posições-sujeito. In: *Seminário de Estudos em Análise do Discurso*, 2, 2005, Porto Alegre, RS. Anais do II SEAD – Seminário de Estudos em Análise do Discurso [recurso eletrônico]. Porto Alegre: UFRGS, 2005. p. 1-11. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/2SEAD/SIMPOSIOS/EvandraGrigolett.o.pdf>. Acesso em: 02 out. 2019.

MACHADO, Marcelo Nogueira. *Memória, relações de poder e corrupção política no Brasil: o escândalo do mensalão como acontecimento discursivo*. Dissertação (Mestrado em Memória: Linguagem e Sociedade) – Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, Vitória da Conquista, 2013. 120f. Disponível em: <http://www2.uesb.br/ppg/ppgm/ wp-content/uploads/2017/06/Dissert-Marcelo-Nogueira-Machado.pdf>. Acesso em: 11 jul. 2018.

PÊCHEUX, M; FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualizações e perspectivas. Tradução de Péricles Cunha. In: GADET, F e HAK, T (Org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Editora UNICAMP, 1990. p. 163-252. (Edição original: 1975)

\_\_\_\_\_. Análise automática do discurso (AAD-69). In.: GADET, F.; HAK, T. (Org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Tradução de Bethânia Mariani et al. Campinas: Unicamp, 1990. p. 61-161. (Edição original: 1969)

\_\_\_\_\_. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes, 1990. (Edição original: 1983a)

\_\_\_\_\_. *Papel da Memória*. In: ACHARAD, Pierre *et al.* Papel da memória. Campinas-SP: Pontes, 2015. (Edição original: 1983b)

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

\_\_\_\_\_. *Semântica e discurso: uma crítica a afirmação do óbvio*.  
Tradução Eni P. Orlandi *et al.* Campinas: Unicamp, 1995. (Edição Original: 1975)